

OS FALSOS AMIGOS: PORTUGUÊS E ESPANHOL

Jeferson da Silva Alves (PREPES/PUC-MG)
jefersonsalves@gmail.com

Uma língua falada em vários países, algumas palavras neles adquirem sentidos diversos (Arias, 1998, p. 57).

INTRODUÇÃO

Um dos temas que diverge no ensino de espanhol como língua estrangeira – E/LE para brasileiros é o dos *falsos amigos*, os quais muitos autores fazem mistura com os falsos cognatos e os heterossemânticos. Em nossa pesquisa também trabalharemos com essa perspectiva, de que os *falsos amigos*, os falsos cognatos e os heterossemânticos são sinônimos.

Segundo Sabino (2006, p. 251), “geralmente as expressões *falsos cognatos* e *falsos amigos* são consideradas sinônimas e por isso são utilizadas para designarem um mesmo fenômeno lingüístico”. Para a autora, não havia uma conceituação do termo (*falso amigo*) que fosse livre de contradições. Para ela, “não havia uma definição adequada e que fosse de aceitação unânime sobre essa questão” e conclui que “havia quem se baseava na etimologia para identificar um “*falso amigo*” [e] aqueles que desconsideravam a importância de sua origem e outros autores que, ao classificarem vocábulos como “*falsos cognatos*”, incluíam, em sua definição, todos os vocábulos [com etimologia] comum, quanto aqueles sem etimologia comum”.

Sobre os *falsos amigos*, Alves (2002, p. 2) explicitou que “a denominação [...] é pueril, não científica, contudo, tal denominação é adotada pelos livros didáticos que abordam de maneira jocosa, cômica essas armadilhas”.⁷

Podemos ver que não há distinção destas palavras, por exemplo, em Andrade Neta (SD: 7). Onde se ler:

⁷ La denominación [...] es pueril, no científica, sin embargo, tal denominación es adoptada por los libros didáticos que tratan de manera jocosa, cómica esas trampas”. Trad. pelo autor (TA).

Vocábulos heterossemânticos. Este grupo se compõe dos chamados falsos amigos ou falsos cognados muito abundantes entre as duas línguas e os mais perigosos, já que podem provocar interferências mais significativas na comunicação. Os falsos amigos são vocábulos idênticos ou semelhantes em sua forma gráfica e/ou fônica, mas que divergem parcial ou totalmente em relação a seu significado em ambas línguas.⁸

Normalmente, o tema dos *falsos amigos* também chamados de falsos cognatos ou heterossemânticos⁹, é um assunto discutido somente no campo do processo de ensino/aprendizagem. Porém são vários fatores que podem contribuir para que haja *falsos amigos* entre duas línguas. Ceolin (2003, p. 39) apontou que “um dos [fatores] mais decisivos é a afinidade entre elas” e que “uma maior ou menor afinidade pode determinar o seu número/percentagem: como é o caso do português e do castelhano que além de serem línguas românicas são línguas ibero-românicas”.

Sabemos que os *falsos amigos* não só existem entre línguas que possuem estreitas afinidades históricas; podemos nos reportar ao vocábulo do inglês *push* que em português é empurre. Por tanto, os *falsos amigos* não só têm importância no que se refere ao processo de ensino/aprendizagem, mas também a tradução. Segundo Ceolin (2003, p. 40), “o problema da existência de falsos amigos é que estes podem, numa tradução descontraída ou menos cuidadosa, comprometer o conteúdo semântico de um determinado enunciado e em consequência o ato comunicativo”.

Que os *falsos amigos* não possuem um padrão fixo ou único, é notável, já que eles são de natureza diversa e sua carga semântica também. Podemos ver isso, por exemplo, na palavra *a gente* (em esp. *nosotros*) do português e *La gente* (em port. *as pessoas*) do espanhol. Palavras que se referem a coisas próximas entre si, mas que possuem significados diferentes. Podemos também ver palavras que nada tem a ver umas com as outras, como os pares, *presunto* do espanhol e

⁸ *Vocablos heterosemánticos.* Este grupo se compone de los llamados falsos amigos o falsos cognados muy abundantes entre las dos lenguas y los más peligrosos, ya que pueden provocar interferencias más significativas en la comunicación. Los falsos amigos son vocablos idénticos o semejantes en su forma gráfica y/o fónica, pero que divergen parcial o totalmente en cuanto a su significado en ambas lenguas. (TA).

⁹ Em relação a essa sinonímia e outros aspectos desse tema ver, por exemplo, Vita, 2004; Vaz da Silva & Vilar, 2003; Fialho, 2005.

presumível do português. Ceolin (2003) ainda aponta a possibilidade de ter palavras com significados completamente opostos, ou seja, antônimas.

Uma definição básica para os *falsos amigos* que podemos encontrar em várias obras didáticas é seguinte: “aquelas palavras que, pela igualdade ou semelhança ortográfica e/ou fonética parecem a olho nu fáceis de serem entendidas, traduzidas ou interpretadas, mas que acabam por ser autênticas armadilhas para leitores e tradutores” (Montero *apud* Ceolin; 2003, p. 40). O mesmo autor classifica os *falsos amigos* como:

Falsos amigos ortográficos: palavra que coincidindo em ambas as línguas na ortografia, não coincidem ou podem não coincidir na pronúncia; *falsos amigos fonéticos*: palavras que não coincidindo na ortografia, coincidem ou podem coincidir (por uma pronúncia errada) na fonética. Incluídos aqui aqueles que possuem diferentes acentos e *falsos amigos aparentes*: aquelas palavras que sem coincidir na escrita nem na pronúncia, lembram, pela forma aproximada e devido a associações lexicais várias, outros significados e sentidos diferentes.

As definições dos *falsos amigos* apontam apenas para o aspecto léxico-semântico, quer dizer, somente ao aspecto exterior ao vocábulo e, por conseguinte, ao seu significado. Com tudo, sabemos como professores de espanhol para brasileiros que a questão dos *falsos amigos* não é só no plano léxico-semântico.

A seguir analisaremos alguns *falsos amigos* partindo de princípios diferentes. Alguns resgataremos contextos determinados, mas que de certa forma utilizamos o *falso amigo* com a mesma acepção da outra língua. Outros recorreremos à etimologia e à história da palavra para explicar a sua evolução e seus fenômenos de mudança.

CONHECENDO OS “FALSOS AMIGOS” PARA (RE)CONHECER A SI MESMO

“Aquele que não conhece uma língua estrangeira, não conhece a sua própria”. (Goethe, 1821)

Aprender uma língua estrangeira implica ao mesmo tempo conhecer a sua própria, principalmente no caso de línguas tão próxi-

mas como é o caso do português e do espanhol, pois sempre fazemos inferências a partir da nossa, aquela que nos é conhecida.

Com a proposta explicitada acima de que aprendendo uma língua estrangeira aprendemos a nossa própria, analisaremos algumas palavras ditas *falsas amigas*, mas que encontramos em determinados contextos.

Vejamos a palavra *cerrar* e como ela é tratada nos manuais didáticos:

ESPAÑHOL	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
-	<i>Cerrar</i>	<i>Cerrar</i>	-

A palavra *cerrar* em espanhol é vista nos manuais de *falsos amigos* como fechar do português, contudo podemos vê-la como sinônima em nossa língua portuguesa em determinados contextos e podemos prolongar para outros contextos nos quais a mesma palavra foi utilizada, por exemplo, com um prefixo: “as inscrições estão *encerradas*”. Aqui poderíamos dizer que as inscrições estão fechadas.

No quadro abaixo, podemos ver o verbo *cerrar* como sinônimo de fechar.

Quadro 1: Primeiro Fausto de Fernando Pessoa

<p>Como eu desejaria bem <i>cerrar</i> Os olhos — sem morrer, sem descansar, Não sei como — ao mistério e à verdade E a mim mesmo — e não deixar de ser. Morrer talvez, morrer, mas sem na morte Encontrar o mistério face a face. (Primeiro Fausto, Fernando Pessoa)</p>

A palavra *firma* é mais uma que é tratada nos manuais como *falsa amiga* e podemos vê-la em configurações diferentes.

Analisemos o quadro abaixo, como os manuais tratam da palavra sem nenhuma explicação:

ESPAÑHOL	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
<i>Firma</i>	Assinatura	Asignatura	Disciplina
Empresa	<i>Firma</i>	<i>Firma</i>	Assinatura

A aceção utilizada com a mesma que a utilizada na língua espanhola também é encontrada em alguns contextos, pois, “*firma*-mos contratos”, “reconhecemos *firma*”.

Podemos ver isso também na ficha de Cadastro de Pessoa Física de um banco, como ilustra o quadro abaixo:

Quadro 2: Ficha de Cadastro de Pessoa Física do Banco Prosper

Cadastro/Pessoa Física
Visando efetivar o devido cadastro para futuras operações, necessitamos da seguinte documentação: *Preencher, assinar e reconhecer <i>firma</i> da <i>Ficha Cadastral Pessoa Física</i> ; * Preencher e assinar a via do <i>Contrato de abertura de c/c</i> ; * Preencher e assinar o <i>Contrato de intermediação</i> assim como rubricando todas as folhas do contrato; * Enviar cópia autenticada da Identidade e da cédula do CPF; * Enviar cópia do comprovante de residência; * Não sendo o titular da conta o único a emitir ordens para as operações em bolsa, enviar uma Procuração com poderes específicos, ou preencher o nosso modelo de Procuração, assinar e reconhecer <i>firma</i> do outorgante. O procurador deve também preencher o Termo de Identificação, assinar e reconhecer <i>firma</i> . (Banco Prosper)

A palavra jornal que nos manuais de ensino de língua espanhola como língua estrangeira – E/LE é registrada como salário e logo como uma palavra *falsa amiga*. Porém, com uma olhada em dicionários de língua portuguesa, podemos encontrá-la também com a mesma acepção que ela tem em língua espanhola, por tanto, se trata mais da palavra em desuso no que se refere a essa semântica do que um *falso amigo*.

Quadro 3: Verbete Jornal no Dicionário Aurélio

Do Aurélio: <i>Jornal</i> [Do latim, <i>diurnale</i> , "diário", i.e., salário por um dia de trabalho.] S. m. 1. Paga de cada dia de trabalho; salário, jornada. 2. Gazeta, diária. <i>Jornal</i> [Do italiano, <i>giornale</i> .] S. m. 1. Periódico. 2. Escrito no qual se relatam os acontecimentos dia a dia; diário: <i>Pode-se acompanhar o acontecido pelo jornal do comandante</i> . 3. Por extensão: Noticiário transmitido pelo rádio, televisão ou cinema.

O vocábulo taller (do esp.) é trabalhado como *falso amigo* de talher (do port.) pela sua forma que é parecida e pela sua pronúncia que também é parecida. Mas simplesmente explicitar que essas palavras são *falsas amigas* não garante que o aluno internalizará tal acepção. Vejamos como os manuais abordam tal palavra:

ESPAÑHOL	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
Taller	<i>Oficina</i>	<i>Oficina</i>	Escritório
Cubierto	<i>Talher</i>	<i>Taller</i>	Oficina

Vimos que primeiramente a palavra taller faz “sinonímia” à oficina como se vê na primeira linha e na linha seguinte taller fazendo oposição a talher.

Analisaremos aqui a palavra taller que nada tem a ver com a palavra talher do português. Como ilustra o dicionário eletrônico da RAE, a palavra taller vem do francês atelier e tem como acepções: 1. m. Lugar en que se trabaja una obra de manos. 2. m. Escuela o seminario de ciencias o de artes. 3. m. Conjunto de colaboradores de un maestro. Como podemos ver na primeira acepção, a palavra equivale sim a nossa palavra oficina, mas também a nossa palavra atelier que não teve alteração em nossa língua, pelo menos por enquanto. O interessante é mostrar aos alunos que a(s) língua(s) muda(m) e não são corpos estáticos. E que muitas vezes o que ocorrem são fenômenos distintos: em português, conservação e em espanhol, primeiramente o *a* influencia na pronúncia do primeiro e que se torna *a* (o que ocorre é uma assimilação), num segundo momento, ocorre a perda do primeiro *a* (o que ocorre é uma aférese, fenômeno no qual uma palavra perde uma ou mais letras no começo da palavra) e por fim, o *i* influenciado pelo *l* na pronúncia passa a *ll* como nosso *lh* e podemos ver o mesmo fenômeno atuando hoje em dia na língua portuguesa, como por exemplo, na palavra óleo ou petróleo que são pronunciadas por algumas pessoas como *ólh(i)o* e *petrólh(i)o*.

Botiquín segundo o dicionário eletrônico da RAE é o diminutivo de botica e analisando a palavra em sua forma normal em dicionários brasileiros (cf. Fernandes; Luft; Guimarães: 1989) onde há botica, s. f. Farmácia [...] e vem do latim *aphoteca* diferentemente de botequim do português que tem como diminutivo a palavra boteco e tem como acepção: casa de bebidas.

ESPAÑHOL	PORTUGUÊS	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
Bar	<i>Botequim</i>	<i>Botiquín</i>	Caixa de 1º socorros

Essa palavra aparece pela primeira vez dicionarizada em 1726 com a seguinte explicação: uma gavetinha pequena com medicamen-

tos para levar para qualquer lugar, aonde vai tudo que é necessário para qualquer acidente.¹⁰

CONCLUSÃO

Concluimos, portanto, que a partir do latim e/ou outras línguas podemos meditar sobre a constituição e desenvolvimentos dos traços lingüísticos, no que se refere ao tema *falsos amigos*, tanto da língua portuguesa como da língua espanhola (línguas oriundas da língua latina). Pois, percebemos que os manuais didáticos não dão tanta atenção ao assunto, não possibilitando uma análise crítica por parte dos alunos e também de muitos professores de língua estrangeira. Vimos que os manuais tratam o assunto de forma tão superficial, mas que poderia ser estudado mais a fundo. O assunto é tratado de uma maneira que os alunos simplesmente têm que visualizar, memorizar e pronto, pois não há nenhuma explicação. Contudo, fazendo uma análise das palavras percebemos que elas são oriundas da mesma palavra latina ou outras línguas de origem latina, como o italiano e o francês. E, Como já foi citado no corpo do trabalho e explicitado também por Ceolin (2003) que em parte, o grande número de *falsos amigos* lexicais que há entre o português e o espanhol se dá a grande aproximação entre ambas as línguas. E por fim, vimos que os *falsos amigos* relacionados ao léxico não se relacionam tão somente ao ensino/aprendizagem, mas também à tradução. Em fim, vimos que o problema dos *falsos amigos* lexicais é exclusivamente identificar e categorizar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Janaína Soares. *Los heterosemánticos en español y portugués*. Un desafío a la lectura/interpretación: el caso de los “vestibulandos” brasileños. In: *Congresso Brasileiro de hispanistas*, 2002. Disponível em: www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000100032&script=sci_arttext&tlng=es Acessado em 23 out. 2007.

¹⁰ Un cajoncillo pequeño con medicinas para llevar de camino, en qué vá todo lo necesario para cualquier accidente (TA).

ANDRADE NETA, Nair Floresta. SD. *Aprender español es fácil porque hablo portugués: Ventajas y desventajas de los brasileños para aprender español*. In: *Cuadernos Cervantes*. Disponível em: <http://www.cuadernos cervantes.com/lc_portugues.html> Acessado em 23 out. 2007.

ARIAS, Sandra Di Lullo. *Portunhol com duplo sentido*. In: *Guia do espanhol para quem só fala portunhol*. Rio de Janeiro: Campus, 1998, p. 57-62.

CEOLIN, Roberto. 2003. *Falsos amigos estruturais entre o português e o castelhano*. In: *Revista Philologica Românica*. Disponível em: www.romaniaminor.net/ianua/ianua04/ianua04_05.pdf. Acessado em: 29 ago. 2006. pp. 39-48.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário brasileiro Globo*. 12ª ed. São Paulo: Globo, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio 5.0*. São Paulo. Positivo, 2004.

FIALHO, Vanessa Ribas. 2005. *Proximidade entre línguas: algumas considerações sobre a aquisição do espanhol por falantes nativos de português brasileiro*. In: *Espéculo. Revista de estudos literários*. Disponível em: www.ucm.es/info/especulo/numero31/falantes.html. Acessado em 1 de set. 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001.

RAE = REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. 2001. *Diccionario de la lengua española*. 22ª Edición. Disponível em: <http://www.rae.es/>. Acessado em 5 de set. 2006.

RAE = REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esboza de una Nueva Gramática de la Lengua Española*. Madrid. Espasa Calpe, 1973.

SABINO, Marilei Amadeu. 2006. *Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganos? Desfazendo a confusão teórica através da prática*. In: *ALFA Revista de Lingüística*. Disponível em: www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/15-Sabino.pdf Acessado em 23 out. 2007. pp. 251-263.

VAZ da SILVA, Ana Margarida Carvalho e VILAR, Guillermo. 2003 (2004). *Os falsos amigos na relação espanhol – português*. In: *Cadernos de PLE* 3. Disponível em http://www2.ii.ua.pt/cidlc/gcl/files/publicacoes/3PLE_2004d.pdf Acessado em 23 out. 2007 pp. 75-96.

VITA, Claudia Pacheco. 2004. *Os conceitos de falsos amigos, falsos cognatos e heterosemânticos: a discussão de uma sinonímia*. In: III congresso brasileiro de hispanistas. Disponível em: www.ile.cce.ufsc.br/congresso/trabalhos_lingua/Claudia%20Pacheco%20Vita.doc. Acessado em 8 set. 2006. pp. 1-8.